

DESLOCAMENTO DO TRABALHO FEMININO E OS NOVOS CONTORNOS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESUMO

A pesquisa volta-se para o trabalho feminino na construção civil, nas funções de pedreira, ceramista, azulejista, rejuntadora, com foco nas questões sobre trabalho feminino e os novos contornos da divisão sexual do trabalho. Este estudo verifica os motivos do deslocamento das mulheres para este setor, a precarização, a intensificação, a delegação do trabalho doméstico, as habilidades manuais, a polarização, a escolaridade nos canteiros de obras em Anápolis e Goiânia. A pesquisa está orientada para a análise dos novos contornos da divisão sexual do trabalho, no sentido de identificar elementos que evidenciam mudanças que rompem com as desigualdades ou que promovem novas formas de exploração do trabalho feminino. O objetivo do estudo volta-se para a análise do comportamento da força de trabalho feminina, diante das questões da sexualização das ocupações que regem a divisão sexual do trabalho, no setor da construção civil; Analisa, se este deslocamento estabelece uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino ou rompe com o sistema hierárquico de gênero em uma profissão tradicionalmente masculina. A pesquisa foi realizada nos canteiros de obras, com entrevistas, observações e descrição do cotidiano do trabalho feminino no setor de acabamento. Todas as mulheres que trabalhavam no setor, no momento da pesquisa foram entrevistadas. Verificou-se que o deslocamento é promovido pela escassez de mão de obra masculina, pela promoção de cursos de qualificação profissional para mulheres, pelo atrativo da carteira assinada e dos salários e estas mulheres estão se deslocando do trabalho doméstico e inseridas no setor de acabamento, local de trabalho exclusivamente manual, onde “produzir e limpar” possuem a mesma dimensão e não são aproveitadas em outras funções nos canteiros de obras. A pesquisa revelou que o trabalho no setor de acabamento passa por uma reclassificação promovida pelas habilidades manuais. Assim, é possível levantar o pressuposto de que inicia-se o processo de feminização do setor de acabamento nas empresas pesquisadas.

Palavras-chave: trabalho feminino. divisão sexual. novos contornos. deslocamento.

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABET – 2015 – CAMPINAS
RELAÇÕES DE GÊNERO, RACIAIS E GERENCIAIS NO TRABALHO

DESLOCAMENTO DO TRABALHO FEMININO E OS NOVOS CONTORNOS DA
DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

MARIA APARECIDA SANCHES S. JORGE

**Apoio financeiro da Universidade Estadual de Goiás – UEG, por meio do Programa de Auxílio Eventos
(Pró-Eventos)**

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo, o trabalho feminino na construção civil, cujo problema sociológico é: O deslocamento do trabalho feminino para a construção civil, reforça os novos contornos da divisão sexual do trabalho e amplia a precarização e intensificação para as mulheres ou promove o surgimento de uma nova configuração do trabalho?

Para Hirata (2003), existe hoje uma pergunta que deve ser respondida quando a questão se refere à divisão sexual do trabalho na flexibilidade: assistiu-se na atualidade a emergência de uma nova divisão sexual do trabalho?

Segundo a própria autora, responder a esta questão não é uma tarefa tão fácil assim, pois a crise econômica que introduziu a reestruturação produtiva flexível, trouxe implicações complexas para o trabalho feminino, e vários aspectos que estão diretamente influenciando esta trajetória não podem ser analisados de maneira isolada é fundamental que a trajetória do trabalho feminino no mercado, seja analisada à luz das questões relacionadas a gênero. Destaca que não se pode falar em nova divisão sexual do trabalho e sim, de novos contornos, pois as transformações provocadas pela acumulação flexível trouxeram novas implicações, novos efeitos, novas características, reforçando as desigualdades e exploração e por isso, não alterou de fato, a divisão sexual do trabalho.

De acordo com Hirata (2003), não basta apenas verificar o aumento das mulheres no mercado de trabalho, nas mais diversas profissões é preciso também verificar a divisão sexual do trabalho doméstico, que é fator de situação de precariedades, vulnerabilidades, salários baixos e desvalorização social.

Torna-se fundamental para situar o objeto de estudo, no tempo e no espaço, destacar as transformações econômicas, políticas e sociais que afetaram de maneira intensa o mundo do trabalho¹, a partir da década de 1970, com a implantação de um novo modelo de acumulação, chamado por David Harvey (2012), de Acumulação flexível e pelas diretrizes políticas do neoliberalismo. Os efeitos acarretados por este modelo de acumulação sobre a divisão sexual do trabalho foram intensos e significativos e estão modificando a forma de ser do trabalho feminino. Estas novas características são aqui identificadas como os novos contornos da divisão sexual do trabalho no deslocamento do trabalho feminino para a

¹ Expressão utilizada por Ricardo Antunes em seus livros, para destacar as situações que envolve o trabalho e os trabalhadores e trabalhadoras. Essa expressão será utilizada com o mesmo sentido no decorrer da pesquisa.

construção civil.

A reestruturação produtiva atingiu intensamente o mundo do trabalho, provocando o aumento do desemprego estrutural, a precarização, instituiu contratos mais flexíveis e promoveu novos contornos para a divisão sexual do trabalho. Se na tradicional divisão sexual do trabalho, as desigualdades entre homens e mulheres eram evidentes e intensas, este novo modelo de acumulação, aumentou as diferenças e explorações, provocou profundas alterações na dinâmica da organização e na divisão sexual do trabalho, fortalecendo algumas práticas e favorecendo o surgimento de novas formas de exploração e desigualdades.

Assim, diante destas mudanças significativas na organização do trabalho, torna-se necessário avaliar os impactos sobre o trabalho feminino, tendo como foco central a compreensão e análise sobre os novos contornos da divisão sexual, no deslocamento do trabalho feminino para uma atividade tradicionalmente masculina, a construção civil, voltando a atenção para o emprego de mulheres em funções, como pedreira, azulejista, ceramista, rejuntadora.

As desigualdades de gênero no emprego evidenciam que os condicionantes naturalizados socialmente e fortalecidos pelo modelo de família patriarcal determinam os papéis entre homens e mulheres na sociedade, e são amplamente aproveitados no capitalismo e estabelecendo que “trabalho masculino vale mais que trabalho feminino”.

As novas configurações do trabalho na atualidade força-nos a buscar uma melhor compreensão dos novos contornos e significados da categoria gênero e trabalho, num esforço de revelar as novas formas que a divisão sexual do trabalho vem assumindo. A reestruturação produtiva flexível, que trouxe implicações para o trabalho feminino, destaca vários aspectos que estão influenciando as condições de emprego da mulher e não podem ser entendidos isoladamente. É necessário analisar o trabalho feminino à luz das questões de gênero, relacionando-o com a divisão sexual do trabalho doméstico, com os postos de precarização, com os salários baixos e diferenciados, com o aumento da escolaridade feminina, com a polarização, com os trabalhos manuais e com a desvalorização social.

Assim, entender e descrever as tendências dessas transformações que indicam uma reformulação e redesenhos da divisão sexual do trabalho no processo de reestruturação produtiva e suas implicações para o mundo do trabalho feminino, será possível por meio de estudos fecundos, capazes de revelar os tipos de relações sociais que estão sendo formadas pelas transformações no mundo do trabalho, principalmente nas profissões recentemente ocupadas pelas mulheres, como é o caso da construção civil.

A partir das abordagens do modelo de família patriarcal e sua consequente divisão

sexual do trabalho é possível reflexões mais amplas sobre o trabalho doméstico e profissional, carreira, diferenças salariais e os efeitos produzidos e aprofundados na flexibilidade, tais como a precarização e intensificação, trabalhos manuais, polarização, delegação, escolaridade das mulheres no mercado de trabalho.

As mulheres mais escolarizadas, nos dias de hoje, para manter-se no mercado de trabalho investem em suas carreiras ampliando cada vez mais os seus estudos e buscando maior qualificação. Mas a sua permanência no mercado de trabalho, exige dela a utilização de estratégias como a “delegação” dos afazeres domésticos à outras mulheres, já que o trabalho doméstico continua sendo atribuído a elas. Hirata (2007). Estas estratégias são utilizadas para conciliar as tarefas domésticas, família e carreira. Para a realização profissional, as mulheres precisam “externalizar” o trabalho doméstico.

A pesquisa está orientada para a busca e verificação dos novos contornos da divisão sexual do trabalho, no sentido de identificar elementos que evidenciam mudanças que rompem com as desigualdades ou promovem novas formas de exploração do trabalho feminino. Analisa se o deslocamento da mulher trabalhadora para a profissão de pedreira, ceramista, rejuntadora, tradicionalmente masculina, amplia a precarização e intensificação nesta nova configuração de trabalho. Diante desta problemática, os objetivos do estudo voltam-se para a identificação destas trabalhadoras: quem são estas mulheres, sua idade, escolaridade, situação de trabalho. De onde estão se deslocando? O objetivo volta-se também para conhecer os motivos que levaram estas mulheres a inserir-se no trabalho na construção civil como pedreira, ceramistas, rejuntadora. Visa verificar e analisar os novos contornos da divisão sexual do trabalho e destacar como se processa a divisão sexual do trabalho doméstico. Analisa se estas relações de trabalho estabelecem uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino ou está iniciando o rompimento com o sistema hierárquico de gênero nesta profissão tradicionalmente masculina.

De acordo com Hirata (2003), não verifica-se na atualidade uma nova divisão sexual do trabalho, onde as desigualdades de gênero no emprego, tenham desaparecido ou diminuindo de forma intensa e significativa, mas também, não é possível desconsiderar as mudanças relevantes que estão influenciando a divisão sexual do trabalho nos dias atuais. Falar em mudanças, significa verificar as consequências que os fatores novos ou tradicionais estão acarretando para o trabalho feminino, principalmente em profissões majoritariamente e tradicionalmente masculina, como a construção civil.

Os contornos que a divisão sexual do trabalho vem apresentando, partem do princípio de que as mudanças no mundo do trabalho feminino, não são rupturas, mas "brechas

decisivas e não definitivas" e que estão em pleno desenvolvimento. Assim, estas características ou estas brechas, que são analisadas como os novos contornos da divisão sexual do trabalho, são decorrentes dos efeitos produzidos no mercado de trabalho feminino, pela imposição às mulheres do trabalho doméstico, dos princípios da separação e hierarquização entre trabalho feminino e masculino, naturalizados socialmente, que fortalecem as diferenças salariais, as desigualdades e as duplas jornadas.

As habilidades manuais, o cuidado, a paciência, a alta destreza, a fácil adaptação à rotina, desenvolvidas e apreendidas no interior da família através das atividades domésticas são atributos e qualificação, que passaram a ser requisitados pelas empresas na flexibilidade, onde os setores ainda não foram tecnologicamente modificados pela microeletrônica. As habilidades manuais podem ser analisadas como característica dos novos contornos da divisão sexual do trabalho e impõem às mulheres o trabalho precário. Os trabalhos manuais das atividades reprodutivas passaram a ser componentes importantes na apropriação do corpo como qualidades naturais, meio de exploração e expansão da intensificação e precarização do trabalho feminino.

A polarização do trabalho feminino de acordo com Hirata (2003) assinala o aumento de mulheres que estão ocupando altos postos de prestígio e bem remuneradas, enquanto uma grande maioria das trabalhadoras está na outra ponta do processo, ocupando postos de trabalho mal remunerado, em tempo parcial, trabalho temporário e terceirizado. Os efeitos produzidos pela reestruturação produtiva sobre os trabalhadores são mais intensos para as mulheres, assim, os resultados do emprego flexível como: a precarização, a intensificação, o trabalho parcial e temporário, as habilidades manuais são considerados como os novos contornos da divisão sexual do trabalho na esfera produtiva.

Os novos contornos que a divisão sexual do trabalho vem apresentando, evidencia o deslocamento do trabalho feminino para profissões tradicionalmente masculinas, onde as mulheres, não estão apenas aumentando sua inserção no mercado de trabalho, mas também penetrando em todos os setores da economia e desempenhando cargos e funções antes só ocupados por homens. Desta forma, o presente estudo destaca a inserção delas na construção civil, para a compreensão e análise dos novos contornos da divisão sexual do trabalho e os efeitos produzidos nesta nova configuração de trabalho para as mulheres.

A relevância do estudo está em identificar os aspectos que envolvem as relações de gênero, pois, segundo Santana e Oliveira (2004), os trabalhadores da construção civil são os que mais sofrem com os avanços da precarização, evidenciada pelo maior número de trabalhadores informais, temporários, sem carteira assinada, baixa escolaridade e sem os

benefícios da previdência social.

A metodologia da pesquisa utilizou-se dos recursos da entrevista estruturada e semi-estruturada, da observação para a coleta de dados nos canteiros de obras em Anápolis e Goiânia. Foram realizadas entrevistas com todas as mulheres do setor de acabamento que exerciam a função de pedreira, ceramista, azulejista e rejuntadora. Entrevistou-se também o mestre de obra e o encarregado para verificar a visão deles sobre o trabalho feminino.

A coleta de dados, “in locus” procedeu-se seguindo o roteiro das entrevistas que foram gravadas e realizadas de forma individual e desta forma verificar o estado da questão.

As observações foram realizadas para apreender situações do dia a dia do trabalho feminino no canteiro de obra e revelar aspectos e/ou informações que auxiliassem nas análises dos dados. As observações foram também utilizadas para “descrição da rotina de trabalho das mulheres”, esta descrição foi realizada mediante convívio direto com as trabalhadoras.

A pesquisa utilizou-se da bibliografia existente para o entendimento, discussões e análises acerca dos termos e conceitos fundamentais, que compõem o tema central do estudo: o trabalho feminino, a divisão sexual do trabalho, os novos contornos da divisão sexual do trabalho, a precarização e intensificação do trabalho. Para o direcionamento do estudo buscou-se também as abordagens dos aspectos que estão diretamente ligados aos novos contornos da divisão sexual do trabalho: as desigualdades salariais, o trabalho doméstico, a escolaridade, a polarização, as habilidades manuais femininas, o patriarcalismo, a flexibilidade.

A palavra “deslocamento” na investigação é utilizada para verificar a saída de mulheres trabalhadoras de outras profissões vistas como feminina para uma profissão tradicionalmente masculina. Possui o sentido de movimento, de mudança de uma profissão para outra e também o sentido de desprender-se de antigas convenções culturais, para verificar os elementos que indicam o crescimento da inserção feminina na construção civil na última década. Deslocamento possui a ideia de identificar “de onde” estão vindo ou se deslocando, estas trabalhadoras, suas condições anteriores de trabalho e de salários. O ato de inserir-se na construção civil estaria no âmbito pessoal ou é motivado por políticas para as mulheres trabalhadoras?

O sentido da palavra “deslocamento” ganha importância para a observação do movimento de inserção feminina neste espaço dominado por homens e o rompimento de antigas formas culturais e relações de gênero (trabalho na construção civil é trabalho para

homens) assumindo a dimensão de novos contornos da divisão sexual do trabalho.

Recorreu-se à pesquisa qualitativa para descrever, explicar e interpretar o objeto de estudo, através de entrevistas estruturadas e semi estruturadas, das observações participantes, e desta forma verificar as condições do trabalho feminino dentro das temáticas que se propõe o estudo. A análise qualitativa possibilitou a compreensão e interpretação os fenômenos sociais a partir de seus significados e resultados, contribuindo para uma visão mais abrangente do problema.

Buscou-se dados no SENAI-GO sobre a quantidade de mulheres que concluem os cursos de qualificação profissional no setor de construção civil para a verificação do quantitativo de mulheres e o seu crescimento nos últimos anos. Os dados foram fornecidos pela Coordenação da Construção Civil e instrutores dos cursos, como também pelo NRM - Núcleo de Relações de Mercado e pela a Coordenação de Estágio e Emprego do SENAI-GO.

Para maiores informações sobre os trabalhadores da construção, coletou-se dados no Sindicato da Indústria da Construção - Sinduscon-Go e no SECONCI - GO - Serviço Social da Indústria da Construção Civil de Goiás.

O marco temporal para verificação e análises do deslocamento das mulheres para a construção civil foi a partir do ano 2000 até o ano de 2014.

As fontes dos dados utilizadas foram, tanto do Censo Demográfico e das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios - PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Alguns dados isolados ou microdados, datados de 2011, 2012 e 2013 foram coletados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, da Pesquisa Mensal de Emprego - PME, do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego - CAGED, da Pesquisa Anual da Indústria da Construção Civil - PAIC. Estes dados serviram de sustentação para as análises descritivas e qualitativas do objeto de estudo.

1. O deslocamento do trabalho feminino e os novos contornos da divisão sexual do trabalho na construção civil

O deslocamento das mulheres para a construção civil, no setor de acabamento,

processa-se majoritariamente do serviço doméstico promovido pelo atrativo salarial, pela carteira assinada (salário mais alto com as gratificações por produtividade e horas extras) e pela possibilidade de mudança de função, o que implica em melhorias salariais, sem necessidade de maior escolaridade. A experiência, o saber fazer, vale mais do que a escolaridade.

O trabalho no setor de acabamento é mais valorizado socialmente do que o serviço doméstico; possui um status diferenciado na visão das trabalhadoras. Outro fator que comprova este deslocamento do serviço doméstico para o setor de acabamento é o aumento da procura pelos cursos de qualificação para mulheres de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social, para as funções de ceramista, rejuntadora, azulejista e pedreira de acabamento, promovidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI - GO e pelas Secretaria de Políticas para Mulheres em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego - MTE.

Os cursos de qualificação promoveram o deslocamento, principalmente após o desenvolvimento em Goiás, de projetos como “Mulheres na Construção Civil” que tem como objetivos a inserção feminina no setor, para suprir a falta de mão de obra masculina. A pesquisa revela que o deslocamento também se processa no âmbito pessoal, isto é, mulheres que não fizeram cursos de qualificação, mas cansadas do trabalho doméstico, desgastante e pouco valorizado, procuraram o setor na expectativa de melhores salários e oportunidades. Desta forma, o deslocamento para o setor de acabamento é promovido tanto por políticas públicas, como no âmbito pessoal e a mão de obra é proveniente do serviço doméstico.

O deslocamento é identificado como início de um processo de rompimento das antigas formas culturais, as quais estabeleciam que a construção civil é lugar apenas para os homens. As políticas de inserção feminina contribuíram para o afrouxamento dos preconceitos. Porém, este rompimento é ainda lento e parcial.

Apesar dos discursos sobre a presença feminina nos canteiros de obras serem vistos com naturalidade, destacarem a eficiência do seu trabalho e as suas habilidades, ainda não é possível falar de rompimento das antigas formas culturais. Elas são destinadas para o setor de acabamento, onde suas habilidades manuais são aproveitadas, não apenas para o trabalho de rejunte ou assentamento de pisos, mas também para o serviço de limpeza. O setor de acabamento assemelha-se ao trabalho doméstico e “trabalho doméstico é trabalho de mulher” por isso, não conseguem exercer ou não são aproveitadas em outras funções dentro do canteiro de obras, ainda de domínio exclusivo dos homens, como; na construção, chapisco ou

reboco de paredes, no contra piso, na concretagem e lajes etc.

O deslocamento das mulheres para a construção civil é pequeno, mas significativo nos últimos dez anos. Este deslocamento existe de fato e pode ser identificado como um novo contorno da divisão sexual do trabalho.

1.1 A precarização do trabalho feminino na construção civil

Este setor é o último estágio da construção e as mulheres não são aproveitadas em outras funções, como geralmente acontece com os trabalhadores homens. A flexibilidade para admitir e demitir é um recurso amplamente praticado pelas construtoras para livrar-se dos encargos trabalhistas. A falta de proteção da legislação facilita esta prática, as mulheres são contratadas com carteiras assinadas, mas devido ao caráter cíclico da construção civil são demitidas facilmente, principalmente quando as construtoras não possuem outras obras no estágio de acabamento para serem aproveitadas.

O controle das trabalhadoras é percebido através do trabalho individualizado, das tarefas estabelecidas e pelas gratificações por produtividade. Para conseguir cumprir as metas, o ritmo de trabalho é intenso, quanto mais produzir maiores serão as gratificações.

Existe o controle do tempo de trabalho, dos gastos de material, isto é, do desperdício. Para manter o ritmo acelerado do trabalho, as construtoras contam com um forte aliado: os produtos de secagem rápida, que exigem um trabalho ininterrupto. Assim, as trabalhadoras não podem cessar suas atividades, caso contrário a massa seca e não é possível realizar o trabalho. Os produtos de secagem rápida também facilita na execução de etapas posteriores, não é necessário esperar para realizar o trabalho seguinte. Como por exemplo: após o rejuntamento começa-se imediatamente o serviço de limpeza, com o produto seco é difícil a sua retirada. As novas tecnologias desenvolvidas na fabricação dos produtos de secagem rápida também contribuem para a precarização e intensificação do trabalho das mulheres no setor de acabamento.

As difíceis condições de trabalho se revelam, quando é analisado as nove (09) horas de jornada diária ou 45 horas semanais, com uma hora apenas de almoço, que é servido no próprio canteiro de obras, desta forma, evita-se os atrasos. As difíceis condições de trabalho são provocadas principalmente pela própria natureza do trabalho, onde tudo está por construir,

principalmente em relação aos banheiros, quando estes não podem ser utilizados nos apartamentos.

1.2 A intensificação do trabalho feminino na construção civil

A pesquisa revelou que o trabalho das mulheres no setor de acabamento, apesar de ser considerado como “trabalho leve” exige grande dispêndio de capacidades físicas, cognitivas e emocionais.

Nota-se a intensificação do trabalho a partir do cumprimento da jornada de trabalho em um ritmo constante, rápido, onde exige-se intensa capacidade física, desde o preparo da massa, aos movimentos ágeis do assentamento dos pisos e azulejos ou do rejuntamento.

Esta atividade exige movimentos constantes de abaixar e levantar ficar em posição agachada, dobrar-se por muito tempo. Requer um conjunto de ações corporais simultâneas. Braços, mãos e pernas são exigidas ao mesmo tempo. Além disso, como já mencionado, a intensificação do trabalho, também é promovida pelos produtos de secagem rápida, como as massas do rejuntamento e da argamassa do assentamento, utilizados nos pisos e azulejos, que obrigam as mulheres a trabalharem sem interrupção, de forma contínua e rápida, destacando a necessidade de “mais trabalho”.

A imposição de “mais trabalho” é identificada através das etapas sucessivas das atividades. Terminada uma etapa é preciso começar outra imediatamente, antes que o produto seque. A secagem rápida facilita o início de outras etapas de imediato, o que exige mais trabalho. Desta maneira, o trabalho se mantém em um ritmo acelerado, tanto por causa do produto como também, pelas tarefas estabelecidas, que são a quantidade de apartamentos concluídos em um dia; quanto menor o tempo gasto, maior é a quantidade de apartamentos finalizados no mês e isto implica em gratificações. As gratificações são oferecidas pela assiduidade, pontualidade e principalmente pela produtividade.

1.3 A Divisão Sexual do Trabalho

O estudo identificou que a divisão sexual do trabalho mantém-se inalterada, os papéis masculinos e femininos continuam bem definidos estabelecendo o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, com nítida separação e hierarquização dos trabalhos.

Acreditava-se ou propunha-se a verificar neste estudo, que a inserção feminina na construção civil nas funções de pedreira, ceramista, rejuntadora, funções antes desempenhadas exclusivamente por homens, pudesse sinalizar os primeiros passos para uma mudança na hierarquização do trabalho e da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher. Postulava-se indícios de uma nova divisão sexual do trabalho ou de uma nova configuração do trabalho, já que as mulheres estão realizando os chamados “trabalhos de homens” ou inserindo-se em uma “profissão masculina”. No entanto, verifica-se que as mulheres estão se concentrando no setor de acabamento, principalmente para fazer o rejunte e depois a limpeza, serviço que assemelha-se com o doméstico e os homens estão deixando esta função. A pesquisa não encontrou nenhum homem desempenhando a função de rejuntamento e limpeza, nos canteiros de obras analisados.

As mulheres que possuem cursos de qualificação de pedreira de acabamento são constantemente contratadas para o rejuntamento e limpeza. Aquelas que estão exercendo a função de ceramista estão realizando somente o concerto das peças com defeito. Este serviço era realizado anteriormente, apenas por homens. Na comparação entre mulheres e homens que realizam o mesmo serviço, isto é, o reparo das peças com defeito, os salários dos homens é superior aos das mulheres. Assim, na análise à luz das questões de gênero verifica-se as desigualdades de salários.

Na definição de uma nova configuração de trabalho para as mulheres é possível uma análise com duas variantes: a primeira variante volta-se para uma nova configuração de trabalho enquanto espaço profissional recentemente aberto às mulheres, evidenciando a ruptura de uma profissão exclusiva para homens neste setor. A outra variante é que não se trata de uma nova configuração de trabalho para as mulheres, mas sim, de novos contornos da divisão sexual do trabalho. É uma nova profissão feminina com a manutenção das desigualdades de gênero, em um setor tradicionalmente masculino, pois nota-se que os condicionantes de gênero estão profundamente inseridos nas práticas e valores fortalecidos

pela imposição do trabalho doméstico às mulheres. O trabalho no setor de acabamento é precário e intensificado.

O fato das mulheres exercerem função de pedreira de acabamento, ceramista e rejuntadora, tradicionalmente masculina, não significa uma mudança da divisão sexual do trabalho. Principalmente se levarmos em consideração que é uma atividade manual e que requer certas habilidades “ditas femininas” como o cuidado, a paciência a agilidade e destreza com mãos e dedos, visto como uma função onde as mulheres mais se adaptam.

Verifica-se a desigual divisão sexual do trabalho doméstico, fator este que se mantém e influencia para estas mulheres o “seu lugar na construção civil”. O trabalho, no setor de acabamento é uma extensão ou uma variante do trabalho doméstico, isto é, o serviço de rejuntamento assemelha-se ou pode ser comparado com o ato de “fazer e limpar”. O que significa dizer “produzir e limpar”.

Ao produzir o produto final que é a colocação manual do rejunte é necessário fazer a limpeza e a limpeza está associada ao trabalho doméstico e trabalho doméstico é trabalho de mulher, por isso, a grande maioria das mulheres está no setor de acabamento, mais precisamente no rejunte, onde as habilidades domésticas, são vistas como habilidades manuais.

A entrada das mulheres no setor de acabamento está associado ao lugar que as trabalhadoras de baixa escolaridade ocupam na sociedade, que é no trabalho doméstico.

O deslocamento feminino para o setor de acabamento revela o início da feminização do trabalho neste setor, este deslocamento é o mecanismo promovido pelo processo produtivo, no qual as mulheres são inseridas nos segmentos terminais do trabalho, isto é, o setor de acabamento é o último estágio da obra e requer habilidades manuais.

Inicia-se na construção civil o processo de desmasculinização (o trabalho deixa de ser exclusivo para homens) do trabalho no setor de acabamento, com o forte argumento das “habilidades naturais” e trabalho leve, mas o que se presencia são os primeiros passos para a feminização do setor. Desta forma, verifica-se que não há uma nova divisão sexual do trabalho na construção civil, no setor de acabamento, e sim um novo contorno, a desmasculinização do trabalho para impor a feminização. Isto nos permite compreender uma composição sexuada da mão de obra que passa por mudanças, mas estabelece as “fronteiras do masculino e do feminino” manifestada através das desigualdades, exploração e promovida pelo trabalho manual.

Segundo a abordagem tradicional, sobre o trabalho feminino, a posição que a mulher ocupa no interior da família é significativa para compreender a sua posição desfavorecida no mercado de trabalho. As relações de poder que as forças patriarcais determinam é fator fundamental para entender as desigualdades e exploração sobre o trabalho das mulheres. A situação das mulheres passou de um “patriarcado privado para um patriarcado público”.

Apesar de todas as mudanças culturais conquistadas pelas mulheres, ajudando a promover a grande inserção feminina no mercado de trabalho, levando-as a assumir profissões tradicionalmente masculinas, como é o caso da construção civil, ainda recai sobre elas o peso das relações patriarcais. Estas relações patriarcais impõem às mulheres o trabalho doméstico, a exploração, os salários inferiores, as desigualdades de tratamento e de oportunidades. O “patriarcado público”, característica fortemente presente no setor de acabamento, define o lugar e o papel das trabalhadoras, quando destina a elas os trabalhos manuais associados aos de limpeza e as impedem de executar outras atividades dentro do canteiro de obras, que são definidas como masculinas, embora sejam também manuais, mas não associadas a ideia de limpeza, ou seja, de serviço doméstico.

A pesquisa revelou que as mulheres da construção civil estão sujeitas ao patriarcado público e privado, com imposição clara do seu lugar e do seu trabalho. O patriarcado público a destina para o setor de acabamento, o privado a impõe o trabalho doméstico. Trabalham nove (09) horas diárias no canteiro de obras e dedicam em média de três (03) a quatro (04) horas para os afazeres domésticos a cada dia, o que totaliza em média doze (12) horas de jornada de trabalho. Em suas casas predomina a ideia de que trabalho doméstico é trabalho de mulher e o seu salário é visto como complemento. Nos canteiros de obras, ouvem “piadinhas” que lugar de mulher é pilotando fogão e sofrem com insinuações de que mulheres que trabalham na construção civil são vadias.

1.4 As Habilidades Manuais

As habilidades manuais, tornaram-se o portão de entrada para as mulheres no setor de acabamento. As iniciativas de introdução da mulher na construção civil começaram com o “Projeto Mão na Massa” que foi o pioneiro e incorporado através dos programas de inclusão das mulheres com vulnerabilidade social, pertencentes aos programas sociais do governo

federal, como o Bolsa Família. Estas iniciativas partem do princípio, de que as habilidades manuais femininas são características fundamentais para o setor de acabamento.

A naturalização de que as mulheres possuem maior habilidade manual que os homens e que fazem o serviço de acabamento com mais cuidado e atenção aos detalhes, devido às habilidades manuais está presente nos discursos, de homens e mulheres nos canteiros de obras. Tornou-se o elo facilitador da exploração, das desigualdades, da intensificação e precarização do trabalho feminino no setor de acabamento. Nestes atributos femininos estão contidas formas de imposição dos trabalhos manuais às mulheres.

O setor de acabamento exige trabalho manual, destreza e agilidades dos dedos, atenção e cuidado com os detalhes, é um serviço artesanal onde a tecnologia ainda não está presente, a não ser através das ferramentas, que facilitam o trabalho, da inovação dos materiais como argamassa, dos pisos, revestimentos e das novas técnicas de assentamento.

A pesquisa revela que a utilização da força de trabalho feminina na construção civil, volta-se para a determinação de papéis do que seja trabalho feminino e trabalho masculino. A mulher é inserida exatamente no setor onde as atividades se assemelham com o serviço doméstico e menos desenvolvido tecnologicamente, isto é, onde os equipamentos e máquinas que ajudam na realização das atividades de construir, não são utilizados. Onde é necessário o trabalho manual, a paciência, o trabalho repetitivo. Nas funções definidas como masculinas dentro do canteiro de obras, as mulheres não estão presentes.

A falta de mão de obra promovida pelo crescimento da construção civil, favoreceu a inserção feminina e as habilidades manuais passaram a ter um significado importante em um setor que exige certos atributos femininos. Durante muito tempo, o setor de acabamento foi ocupado exclusivamente por homens e a partir da última década, a mulher passou a exercer esta função.

A presença feminina no setor de acabamento, indica que está ocorrendo tanto mudanças, como manutenção ou reforço, de elementos que compõem a desigual divisão sexual do trabalho. Mudanças, porque as mulheres estão exercendo uma atividade tradicionalmente masculina e o setor de acabamento deixou de ser reduto exclusivo de homens. Reforço, porque os elementos que compõem a tradicional divisão sexual do trabalho como o trabalho manual e a pouca valorização das habilidades ditas naturais do sexo feminino, não são aproveitadas como qualificação, mas como forma de exploração em um novo nicho profissional que se assemelha com o trabalho doméstico.

Os empregadores reconhecem as qualidades próprias da mão de obra feminina, mas não as transformam como fator de valorização da mão de obra, sendo nítido as políticas diferenciadas praticadas no interior das empresas segundo o sexo. As mulheres não são aproveitadas em outros setores da construção civil. Os homens constantemente são aproveitados, mesmo não possuindo experiência ou cursos.

Em seus estudos sobre a divisão sexual do trabalho, Hirata (2012) concluiu que na reestruturação produtiva do capital e do trabalho, existe uma exploração intensificada do trabalho feminino. O trabalho manual e repetitivo é atribuído às mulheres e aquele que requer conhecimento técnico são atribuídos aos homens. Destaca também que, as habilidades manuais das trabalhadoras são reconhecidas, mas não colocadas como qualificação e valorizadas no processo produtivo. São reconhecidas, mas intensamente exploradas como atributo a serviço do capital.

Esta realidade se confirmou através da pesquisa nos canteiros de obras, em Anápolis e Goiânia. As mulheres estão se concentrado exatamente no setor onde as exigências por trabalho manual, de execução de tarefas e menos complexa, que envolve poucos materiais e ferramentas. O setor de acabamento, devido às exigências do mercado consumidor, que está cada vez mais voltado para o novo passa a exigir perfeccionismo, isto é, bom acabamento no assentamento das peças ou no rejuntamento, para satisfazer consumidores cada vez mais exigentes.

É a utilização do trabalho pelo ritual estético, cujos gestos aperfeiçoados pelos trabalhos domésticos são os atributos pelos quais são contratadas. Se as habilidades manuais são o portão de entrada para as mulheres no setor de acabamento, também é atribuído a elas a intensificação e precarização do trabalho feminino no setor de acabamento.

As habilidades manuais tornam-se um novo contorno da divisão sexual do trabalho é o “arranjo de flores”² que transforma habilidades em uma extensão do trabalho doméstico, onde o “produzir está ligado ao limpar”.

2 Fazendo uma analogia à confecção de arranjos de flores tradicional na educação das jovens na cultura japonesa, que desperta habilidades como paciência, destreza, trabalho analítico, minucioso, de estruturação e reestruturação das flores e folhas de acordo com uma ordem rígida estabelecida, parece ser a preparação para o trabalho operário. É uma introdução aos gestos dissociados, às tarefas fragmentadas e repetitivas. Esta técnica é amplamente utilizada nas empresas japonesas para melhorar as habilidades das operárias, com forte pressão ao tempo de composição do arranjo de flores. (HIRATA 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste estudo voltam-se para a identificação das mulheres trabalhadoras da construção civil, verificando quem são estas mulheres, suas idades, escolaridade, situação de trabalho e de onde estão se deslocando. Volta-se para conhecer os motivos que levaram estas mulheres a inserir-se na construção civil como pedreiras, ceramistas, azulejistas, rejuntadoras. Visa verificar e analisar os novos contornos da divisão sexual do trabalho e destacar como se processa a divisão sexual do trabalho doméstico dentro e fora dos canteiros de obras. Analisa se estas relações de trabalho estabelecem uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino, ou está iniciando o rompimento com o sistema hierárquico de gênero, nesta profissão tradicionalmente masculina.

Fundamentado nestes objetivos que auxiliaram a busca para a resposta do problema proposto: “O deslocamento do trabalho feminino para a construção civil, reforça os novos contornos da divisão sexual do trabalho e amplia a precarização e intensificação para as mulheres ou promove o surgimento de uma nova configuração do trabalho? Leva-se às seguintes conclusões dos dados e resultados encontrados:

As mulheres trabalhadoras da construção civil, do setor de acabamento, nas empresas pesquisadas estão na faixa etária, em sua grande maioria, entre 30 a 47 anos, são casadas e com filhos possuem o Ensino Fundamental completo e Ensino Médio completo e incompleto. Estão na profissão em média 5 anos, os contratos de trabalho são formais e a força de trabalho nos canteiros de obras se constitui essencialmente de outras cidades do interior de Goiás e de outros Estados da Federação. A relação entre mulheres qualificadas (cursos práticos) e não qualificadas se equiparam. A responsabilidade pelo trabalho doméstico recai sobre estas trabalhadoras e algumas mulheres delegam ou externalizam esta atividade. Possuem uma jornada de trabalho de 45 horas semanais.

As mulheres que estão no setor de acabamento, deslocaram-se do serviço doméstico, atraídas por melhores salários, pela carteira assinada, pela possibilidade de crescimento profissional, (mudança de classificação) que independe de escolaridade, pelo status diferenciado do trabalho doméstico, que na visão delas é maior e se sentem mais valorizadas. A inserção feminina na construção civil foi promovida pela falta de mão de obra masculina, devido ao crescimento do setor a partir de 2007, impulsionado pelos programas do governo, como Minha Casa Minha Vida - MCMV, pelo Programa de Aceleração do Crescimento - PAC

1 e PAC 2, pelos programas do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE e pelas Secretarias de Políticas Públicas para as Mulheres - SPPM, com os Programas “Mulheres na Construção Civil.” Os cursos de qualificação de pedreira, ceramista, azulejista, rejuntadora, para as mulheres de baixa renda e vulnerabilidade social e econômica visavam a sua inserção no setor da construção civil, como meio de proporcionar cidadania através do trabalho. Em Goiás, os cursos de qualificação, também são promovidos pelo SENAI que teve um aumento de 30% de 2011 a 2014, de mulheres que concluíram os cursos da área da construção civil, entre eles pedreira de alvenaria, ceramista, azulejista, rejuntadora, pintora, técnica em instalação hidráulica e elétrica.

Este deslocamento não se dá de forma intensa, com grandes quantidades de trabalhadoras, mas notou-se que tem se mantido constante e crescente. Do ano de 2000 a 2013, pouco mais de uma década é possível verificar a evolução do emprego feminino na construção civil. Como comprovam os dados do MTE, RAIS, CBIC: 83,000 em 2000, 137,969 em 2008, 240,945 em 2011 e 276,588 em 2013. Estes dados demonstram um deslocamento das mulheres para este setor de modo constante e significativo. Estas informações tornam-se importantes para a avaliação do deslocamento do trabalho feminino para uma profissão tradicionalmente masculina, que até recentemente era local de trabalho exclusivo dos homens.

Em Goiás, de 2009 a 2013, a evolução do emprego formal para as mulheres na construção civil passou de 4.009 para 7.380 totalizando 84,08% de crescimento do trabalho feminino. Em 2013, Anápolis gerou 377 empregos formais e em Goiânia 3.921. (RAIS,2013).

A entrada das mulheres no setor da construção civil, denominado de “deslocamento”, verificou que elas estão inseridas no setor de acabamento, lugar de poucas ferramentas, máquinas e desenvolvimento tecnológico. Estão classificadas como pedreira de alvenaria, que são as ceramista, azulejistas e como serventes e serviços gerais, que são as rejuntadora e responsáveis pela limpeza final dos apartamentos.

O deslocamento das mulheres é identificado como um processo de afrouxamento de antigas formas culturais, que estabelecia que a construção civil era lugar somente para homens. As políticas de inserção feminina e a falta de mão de obra no setor contribuíram para esta mudança. Contudo, ainda não é possível falar em rompimento dos preconceitos, existe a visão, por parte de alguns homens das obras, de que as mulheres que trabalham na construção são “vadias” e que o lugar de mulher é “pilotando fugão”, visão expressadas através de

piadinhas e assédios morais e sexuais.

As mulheres estão inseridas no setor de acabamento, onde o trabalho é manual e assemelha-se ao doméstico, principalmente na função de rejuntadora, pois esta função é responsável também da limpeza dos apartamentos. A divisão sexual do trabalho, mantém-se inalterada dentro e fora do canteiro de obra. Os papéis masculinos e femininos continuam bem definidos estabelecendo o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher. As habilidades manuais são reconhecidas, mas não valorizadas, são tratadas como um diferencial profissional das mulheres no setor, tornaram-se o portão de entrada para as mulheres no setor de acabamento na construção civil.

Fora das obras, em suas casas são responsáveis pelos trabalhos domésticos, que são realizados após a jornada de trabalho, dedicando a estas tarefas, em média 03 horas diárias e nos finais de semana as horas se intensificam. Estas trabalhadoras no seu cotidiano desempenham duplas jornadas de trabalho. Algumas mulheres delegam ou externalizam a outras mulheres o serviço doméstico, seja através de um pagamento ou da ajuda de familiares. Contudo, a maioria delas são responsáveis pelo serviço, depois que chegam do trabalho.

No canteiro de obras, as habilidades manuais são potencializadas e convertidas em exploração, seus atributos naturais aprimorados por causa das tarefas domésticas, não são considerados como qualificação e o serviço no setor de acabamento é uma extensão do trabalho doméstico, onde o produzir está ligado ao limpar, ou onde o produzir e limpar possuem a mesma dimensão. As mulheres não são aproveitadas em outras funções, consideradas masculinas e por isso, são mais facilmente demitidas.

A pesquisa revelou que no setor de acabamento, das empresas pesquisadas em Anápolis e Goiânia está acontecendo uma classificação/reclassificação e hierarquização das áreas de atuação de homens e mulheres. As atividades manuais do setor de acabamento passaram a serem vistas como trabalho de mulher, principalmente porque está ligada à atividade de limpeza, hierarquicamente inferior às demais funções onde as mulheres não atuam e não são aproveitadas. Esta reclassificação é promovida pelas habilidades manuais.

Quando executam as mesmas funções, (pedreira de acabamento) recebem salários inferiores, e as gratificações são provenientes da produtividade ou tarefas e das horas extras. Como não são aproveitadas em outros setores, as horas extras são limitadas para as mulheres. Os salários das trabalhadoras de Anápolis e Goiânia são diferentes. As mulheres em Goiânia recebem um salário superior e permanecem por mais tempo no emprego, isto é, o tempo de

contratação dura mais e são menos qualificadas do que as trabalhadoras de Anápolis. As trabalhadoras de Anápolis recebem salários inferiores porque são remanejadas para os serviços de limpeza geral (varrer outros apartamentos, lavar piscina e outros) estas atividades não são contabilizadas como gratificações e tarefas.

Apesar de todas as mudanças culturais conquistadas pelas mulheres, as quais ajudaram a promover a grande inserção feminina no mercado de trabalho, levando-as também a assumirem profissões tradicionalmente masculinas, como é o caso da construção civil, ainda recai sobre elas o peso das relações patriarcais. Estas relações patriarcais impõem às mulheres o trabalho doméstico, a exploração, os salários inferiores, as desigualdades de tratamento e de oportunidades. O “patriarcado público”, característica fortemente presente no setor de acabamento, define o lugar e o papel das trabalhadoras, quando destina a elas os trabalhos manuais associados aos de limpeza e as impedem de executar outras atividades dentro do canteiro de obra, que são definidas como masculinas, embora sejam também manuais, mas não associadas à ideia de limpeza, ou seja, de serviços de limpeza.

Inicia-se um processo de polarização do trabalho feminino, com a separação dos setores intelectuais e manuais. As mulheres com nível superior, como as engenheiras, arquitetas, técnicas em segurança no trabalho, recebem salários superiores, as do setor manual, como as pedreiras, ceramistas, azulejistas, rejuntadoras, com baixa escolaridade, recebem salários inferiores. Verifica-se que entre as mulheres do setor manual, de acabamento, existe uma bipolarização, as que são classificadas como pedreiras de acabamento, possuem status e salários maiores. Muitas vezes esta classificação independe de qualificação. Encontra-se presente, uma situação atípica, os extremos ou polos existentes, não são promovidos pela escolaridade, mas pela experiência, pelo saber fazer.

A presença feminina na construção civil, indica que está ocorrendo tanto uma mudança como uma manutenção e reforço da divisão sexual do trabalho. Mudança devido à própria inserção da mulher, que evidencia mudanças de valores culturais neste setor majoritariamente e tradicionalmente masculino. Indica uma reclassificação da função de rejuntadora e ceramista. E manutenção e reforço porque é mantido a exploração das habilidades manuais em um serviço que se assemelha com o doméstico e a desigual divisão sexual do trabalho continua inalterada. As habilidades manuais transformaram-se em um novo contorno da divisão sexual do trabalho, onde o “arranjo de flores,” que transforma habilidades em extensão do serviço doméstico e mantém as desigualdades e exploração para as mulheres.

O problema de pesquisa, acima destacado questiona se o deslocamento feminino para a construção civil amplia a precarização e intensificação para as mulheres ou promove o surgimento de uma nova configuração do trabalho. De acordo com os dados coletados através das entrevistas e observações nos canteiros de obra verifica-se que para as mulheres, a precarização e intensificação são ampliadas e fortalecidas pelas desigualdades de gênero, presentes nas relações de trabalho. Sendo um setor onde tudo está por construir e não existem condições apropriadas de uso, como por exemplo, os banheiros, as mulheres são forçadas a passar longos períodos sem utilizá-lo e as dificuldades aumentam no período menstrual. Diferente dos homens que os improvisos ou arranjos são mais facilmente encontrados.

Amplia-se na medida em que, além de estarem expostas às condições próprias do trabalho precário e intensivo como a temporalidade das contratações, das péssimas condições de trabalho, da descentralização das tarefas para a eficácia produtiva, do estabelecimento de quantidade de tarefas, altos níveis de riscos de acidentes e doenças laborais, baixos salários e exploração, são também afetadas pelos condicionantes sociais e desigualdades impostas pelo trabalho doméstico. A precarização é promovida pela descontinuidade do processo produtivo, no qual predomina o princípio da sucessão e da demanda por diferentes especialidades, o que provoca uma alta rotatividade.

Conclui-se que em Anápolis e Goiânia, o trabalho feminino é precarizado, onde verifica-se um trabalho com grande instabilidade e temporalidade, controle e individualização do trabalho das mulheres, com gratificação por produtividade, trabalham em condições difíceis e mesmo sendo um emprego formal, a proteção e direitos trabalhistas são achatados. Apesar do salário ser superior ao que recebiam, enquanto trabalhavam como doméstica, recebem em média, pouco mais de dois salários mínimos. A intensificação é registrada através do grande dispêndio de energia física e emocional, com ritmo acelerado, sem interrupções, durante a jornada de 09 horas diárias e movimentação contínua e repetitiva, não apenas de braços e mãos, mas de todo o corpo. Destaca-se a necessidade de mais trabalho com a utilização das inovações tecnológicas dos produtos e materiais de secagem rápida. Isto implica em um estado de exaustão no final da jornada de trabalho.

As relações de trabalho para as mulheres do setor de acabamento, onde as atividades podem ser comparadas como uma extensão do serviço doméstico por causa do trabalho manual necessário, estabelece uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino. E não está rompendo com o sistema hierárquico de gênero nesta profissão tradicionalmente masculina. A separação e hierarquização do trabalho, entre homens e

mulheres presente nos canteiros de obras, estabelecem o lugar das mulheres e dos homens e assim, o que se postulava no início deste estudo, verificar indícios de uma nova divisão sexual do trabalho, por se tratar de uma inserção feminina em uma profissão masculina e considerada “trabalhos de homens,” não se confirmou.

Contudo, torna-se fundamental registrar que o trabalho feminino no setor de acabamento passa por uma reclassificação e hierarquização promovida pelas habilidades manuais. Esta reclassificação não promove o trabalho igualitário ou quebra as barreiras entre as relações de gênero que desqualifica o trabalho feminino, ao contrário, percebe-se a hierarquização das atividades. O trabalho se reclassifica, mas mantém o núcleo central que é a desigualdade e exploração do trabalho feminino, em uma profissão anteriormente masculina.

Inicia-se na construção civil, nas empresas pesquisadas, o processo de desmasculinização do trabalho no setor de acabamento, com o forte argumento das “habilidades naturais” e trabalho leve, mas o que se presencia são os primeiros passos para a feminização do setor com alto grau de intensificação. Desta forma, verifica-se que não há uma nova divisão sexual do trabalho na construção civil, no setor de acabamento e sim, um novo contorno, a desmasculinização do trabalho para impor a feminização.

O deslocamento das mulheres para a construção civil, promove uma nova configuração de trabalho, uma reclassificação da função, pois é um setor tradicionalmente e majoritariamente masculino e esta ruptura está promovendo um novo nicho profissional para as mulheres. Esta nova configuração de trabalho, está se processando no setor de acabamento, onde o trabalho é manual, repetitivo, exige atenção aos detalhes e habilidades manuais.

Devido a estas características a pesquisa levanta outros questionamentos a serem pesquisados: Estamos vivenciando o início da redefinição da profissão como feminina? O setor de acabamento revela o início da mudança de ideologia profissional? O setor de acabamento revela o início do fenômeno da interdependência entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado para as mulheres, sob formas e status diferentes? Somente através da sociologia do trabalho estes questionamentos poderão ser apreendidos e compreendidos e fortalece a necessidade de novas pesquisas no setor.

Assim, conclui-se que o deslocamento do trabalho feminino para a construção civil promove o surgimento de uma nova configuração de trabalho para as mulheres, mas não promove uma nova divisão sexual do trabalho, apesar da mulher iniciar uma ruptura dos padrões tradicionais, que estabelece o que seja trabalho de homem e trabalho de mulher, ou

melhor, do que seja profissão masculina e feminina. Os condicionantes de gênero ainda mantem a tradicional divisão sexual do trabalho, onde o “trabalho de homem vale mais que trabalho de mulher” e se configura como mais um trabalho para as mulheres, mas com precarização e intensificação em suas atividades laborais.

As transformações no mundo do trabalho, aliadas à inserção intensa da mulher no mercado de trabalho e o acesso a esta profissão tradicionalmente masculinas, não significa a ruptura com as antigas formas de opressão e desigualdades que sempre estiveram presentes na tradicional divisão sexual do trabalho. Este deslocamento das mulheres para a construção civil é o retrato de que as desigualdades, embora com outra roupagem ou modificadas pelas transformações em curso, seja pelas políticas de inserção feminina, mediadas pelos cursos de qualificação profissionais, pela falta de mão de obra do setor e pelas mudanças culturais promovidas pelo movimento feminista, continuam existindo e contribuindo para a formação de novos contornos da divisão sexual do trabalho.

No início deste estudo questionou-se: como são estes novos contornos da divisão sexual do trabalho? O estudo possibilitou a seguinte afirmação; que os novos contornos identificados na pesquisa, estão presentes no trabalho feminino na construção civil (polarização, escolaridade, delegação e/ou externalização do serviço doméstico, habilidades manuais), possuem as mesmas características e formas de opressão e desigualdades para as mulheres que atuam no setor. E as habilidades manuais ditas naturais estão promovendo um novo contorno da divisão sexual do trabalho, a desmasculinização no setor de acabamento nas empresas pesquisadas. Os novos contornos elencados neste estudo foram identificados e constitui-se como elementos que reforçam a precarização e intensificação do trabalho feminino.

Observa-se mudanças, mas também evidencia na estrutura ocupacional destas trabalhadoras, o peso de inserções precárias, intensificadas e com baixos rendimentos. A entrada da mulher no setor de acabamento, reforça as desigualdades e persistem os rendimentos médios reais inferiores aos dos homens. Esse cenário mostra que, mesmo avançando no mercado de trabalho, há um longo caminho no alcance de uma inserção mais justa e igualitária. A mulher trabalhadora, não conseguiu se desvincular dos condicionantes que mantém a tradicional divisão sexual do trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho. 7ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 105-111.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, R. A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado da ação coletiva. In M. A. Santana & J. R. Ramalho (Orgs.), Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo : Boitempo, 2003.
- ANTUNES, R. Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. Ricardo Antunes (org.) São Paulo, Boitempo, 2006.
- ANTUNES, R. A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado da ação coletiva. In M. A. Santana & J. R. Ramalho (Eds.), Além da fábrica: Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo, SP: Boitempo.
- ALVES, Giovanni. O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 9ª ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil. 2010.
- BRITO, J. e OLIVEIRA, O. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: FILHO,F.S e JARDIM S. (orgs.) A Danação do Trabalho,. Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.
- BRUSCHINI, C. "Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95)". In: M. I. B. da Rocha (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP: NEPO: UNICAMP, Ed. 34, 2000.
- DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. 4º ed. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho flexível, Empregos Precários? Uma comparação entre Brasil, França, Japão. GUIMARÃES, Nadya Araújo, HIRATA, Helena, SUGITA, Kurumi, (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GRAVINA, Deise. Lei das domésticas leva mulher à construção civil. Rio de Janeiro, 2013. www.cimentoitambe.com.br maio de 2013, entrevista concedida a Altair Santos.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna . São Paulo: Loyola, 1992.
- LEITE DE, Márcia de Paula. Trabalho e Sociedade em transformação. 1ª Ed. 2003. São Paulo: Perseu Abrano.
- LEITE, Marcia de Paula, ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (orgs.). O Trabalho reconfigurado : Ensaio sobre Brasil e México. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

KERGOAT, D. "Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo". In: H. Hirata (org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2009.

MARUANI, Margaret, HIRATA, Helena (orgs.). As novas fronteiras da desigualdade : homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003.

NOGUEIRA, C. M. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, R. P. "Tudo é arriscado": a representação do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

OLIVEIRA, R. P.; IRIART, J. A. B. Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. Psicologia em Estudo, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 437-445, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA A.O. e BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma Questão de Gênero. Rosa dos Tempos, FCC. São Paulo e Rio de Janeiro, 1992.

SANTANA, V. S. OLIVEIRA, R. P. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 797-811, 2004.

SPM. Mulheres construindo autonomia na Construção Civil, Brasília, 2008.

SENNET, R. A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 5. ed. São Paulo, SP: Record, 2001.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. A classe operária tem dois sexos: trabalho dominação e resistência. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

TRABALHO, EDUCAÇÃO, JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO CIVIL. Coordenação Marcelo Cortes Neri. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010. Disponível em: <<http://www.institutovotorantim.org.br/pesquisafgv2011htm>> Acesso em, 26 de set. de 2014.

TELLES, P.C.S. História da Engenharia no Brasil século XX, Clube de Engenharia, 1984.

THOMAZ, E. Tecnóloga, Gerenciamento E Qualidade na Construção. São Paulo: Editora PINI, 1ª ed. 2ª tiragem. 2002.

WALBY, Sylvia. As figuras emblemáticas do emprego flexível. In: MARUANI, M; HIRATA, H. (Orgs.). As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 273.